



da vila das Furnas, onde os participantes poderão visitar a Poça da Beija, o Parque Terra Nostra, as fumarolas, os diversos jardins existentes nesta localidade. E no dia 28 a oficina criativa ficará a cargo da designer Suzana Nobre, autora de peças e acessórios de casa de banho da conhecida marca "Sanindusa". Isso a par do "dring and draw" todos os dias à noite, em que o Grupo Anjos dá a possibilidade aos participantes de, com a apresentação do crachá do evento, terem 10% de desconto no consumo de bebidas e outros nos bares referenciados no dia.

Tendo em conta que pretendem fazer chegar à ilha de São Miguel participantes do continente e até de outros países, vêem este evento como uma forma de promoção dos Açores?

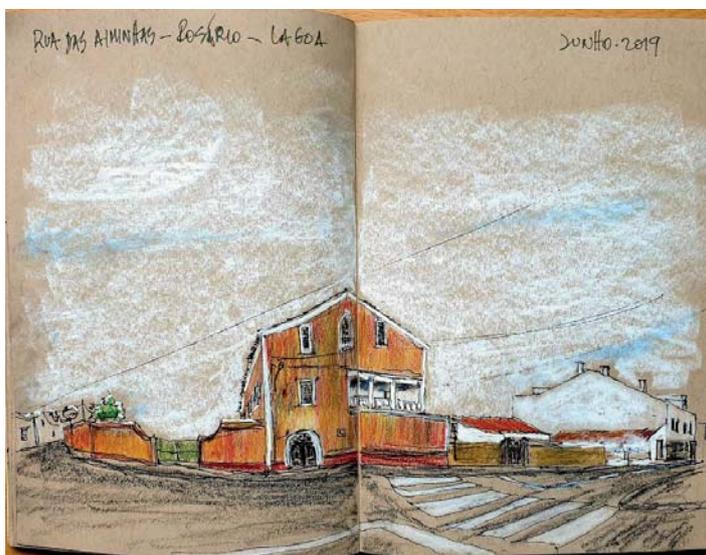
PB - A ideia inicial não é divulgar S. Miguel, mas é natural que estará intimamente ligado essa divulgação ao evento Simpósio Vadio. Devo referir que nós, desenhadores de rua, partilhámos os nossos desenhos nas redes sociais e temos amigos virtuais espalhados por todo o mundo. Naturalmente que estas partilhas vão dar a volta ao mundo e, assim, a divulgação da ilha de S. Miguel será efectivamente feita.

Quantos participantes esperam receber?

PB - Neste momento temos 55 inscritos. Desde Portugal continental, passando pela ilha Terceira e S. Miguel, de Espanha, de França e Brasil. O forte número é Portugal continental, a seguir Espanha, Açores, França e Brasil que, com a minha Amiga Nathalia Sá Cavalcante internacionaliza este evento.

A sua experiência nesta área do desenho é vasta. Já participou em exposições e lançou, inclusive, um livro. Como e quando surge na sua vida este gosto pelo desenho em diário gráfico?

PB - Nesta questão do desenho e da experiência sou um curioso. Até porque não consigo chamar desenho aos meus trabalhos, são rabiscos. Pois, não faço deste 'hobbie' o meu sustento. A característica do meu desenho é um misto dos artistas que aprecio e da compreensão plástica que aprendo desta visualização. Esta simbiose resulta numa expressão e essa expressão é aquilo que produzo para consumo próprio. Posso dizer que desenhar em cadernos surgiu com o tempo livre que tenho nas minhas viagens profissionais pelas diversas ilhas dos Açores. Por outro lado, ter e usar diários gráficos



teve a ver com a necessidade de ter um suporte para explicar, por intermédio de desenhos, aspectos e pormenores de execução das obras por onde passava, como também tirar apontamentos gráficos destas visitas e reuniões de obras.

Considera desenhar uma paixão na sua vida?

PB - Não sei se estou a ser precipitado ao dizer isso, mas julgo que já foi "paixão". Agora... agora é amor, é entrega a uma causa, divulgar o desenho em diários gráficos e outros suportes.

Na sua opinião, o que é preciso ter para ser um bom urban sketcher?

PB - Eu não gosto de classificar nada com a expressão "bom e mau urban sketcher". Todos nós temos a nossa forma de ver o que estamos a observar e a passar para o papel. Uns dão mais destaque a determinados pormenores, outros preferem destacar através de linhas gerais o que observam, outros utilizam aguarelas, outros lápis de cor... não há o bom e o mau. Aliás, e já referi isso noutras entrevistas, John Ruskin, intelectual inglês do século XIX disse: "Nunca encontrei ninguém completamente incapaz de aprender a desenhar." Portanto, desenhar aprende-se. E devia ser cada vez mais democrático desenhar, não fosse essa uma das formas de arte mais antigas da humanidade, basta referir os desenhos rupestres na idade das cavernas.

O urban sketchers vão desenhar desde a cidade de Ponta Delgada, às Sete Cidades e Furnas. O objectivo é promover o desenho em diário gráfico, mas também dar a conhecer aos participantes São Miguel e as suas gentes.

Já percorreu e desenhou por muitas cidades?

PB - Algumas. Não o número que desejaria, até porque sou novo e ainda tenho muito por onde viajar. Mas já passei por muitas cidades portuguesas, desde Lisboa até ao Porto. Em termos europeus, tenho nos meus diários gráficos Barcelona, Milão, Veneza, Florença e Roma. Mas não quero esquecer os meus Açores... Tenho tantos desenhos das restantes ilhas dos Açores.

Como analisa a evolução desta área nos Açores? Nota que têm vindo a aumentar os amantes do desenho em diário gráfico na região?

PB - Sim, sem dúvida que tem vindo a aumentar. Em Março de 2014 é fundado o grupo Usk Açores por mim, pela

Cristina Moscatel e pela Sofia Carolina Botelho. Em Agosto de 2015 abandono o grupo organizativo em discordância não com as pessoas, porque continuo a nutrir estima e consideração pelas mesmas, mas com a dinâmica que na altura se estava a implementar no grupo. Achava que se podia fazer muito mais, continuo a achar, mas devo confessar que a dinâmica está bem mais activa do que até então. Se foi com a minha "pedrada no charco" ou não, não sei, nem é isso que importa. Mas há ainda muito por fazer e desenvolver à volta do desenho em diários gráficos. Todavia, não é esse o momento para referenciar tudo o que poderá ser feito e desenvolvido no sentido de tornar cada vez mais acessível e democrático esta vertente de desenhar em diários gráficos.

Será preciso organizar mais encontros, como o simpósio, na região para cativar a atenção para esta área?

PB - Não, mas todos os que se puderem realizar com a vinda de pessoas estrangeiras ou nacionais tanto melhor. Isso tem sido feito pelo actual grupo usk Açores. O que, em minha opinião, deverá ser realizado é procurar levar esta actividade a mais localidades, a casas de cultura, a juntas de freguesia, ou a museus etnográficos espalhados pela ilha, por forma a cativar os jovens destas mesmas freguesias. Levar até às escolas palestras sobre o acto de desenhar em diários gráficos e reforçar a importância do desenho no desenvolvimento cognitivo e enriquecimento das capacidades de observação a todos os aspectos culturais que nos envolve ou rodeia.

E para terminar, que expectativa tem para o Simpósio Vadio?

PB - As expectativas são principalmente criar bons momentos de convívio, aprendizagem com a troca de experiências, promover a franca troca de amizades, conhecer através de outras pessoas culturas diferentes e mostrar a quem nos visita a nossa bonita ilha, desde as belezas naturais à gastronomia, passando por dar a conhecer o que aqui se produz. Enfim, mostrar um pouco do que é a ilha de São Miguel e as suas gentes. Transmitir de uma forma muito subtil que com pouco se consegue fazer muito. E com tudo isso, levar até outras paragens, espalhadas por este mundo fora, o nome dos Açores, da ilha de S. Miguel e da cidade de Ponta Delgada.